



VOLUME - V.2

NÚMERO - N.1

MAR. - 2025

ISSN: 2966-1439

P.168-200

A INTERSEÇÃO ENTRE FATO E BOATO:

ANÁLISE DISCURSIVA DA ENCENAÇÃO DA POLÊMICA NA MÍDIA GOVERNAMENTAL

THE INTERSECTION BETWEEN FACT AND RUMOR: DISCURSIVE ANALYSIS OF
THE STAGING OF PUBLIC CONTROVERSY IN THE GOVERNMENT MEDIA

Maria Eduarda de Carvalho Bigonha Pinto¹

Rony Petterson do Valle²

RESUMO:

Este artigo tem como objetivo fazer uma análise discursiva de notícias de verificação de boatos sobre o Governo de Dilma Rousseff, no site *Fatos & Boatos*. Dessa forma, buscamos compreender como a enunciação se relaciona com a polêmica na construção do discurso, entre fatos e boatos. Para isto, utilizamos a proposta de Ruth Amossy para análise da polêmica, bem como os pressupostos teóricos da Análise do Discurso e da Teoria Semi linguística, de Patrick Charaudeau. Além disso, verificamos como se dá a interseção entre os fatos e os boatos presentes no *corpus* mediada por uma polêmica encenada, sendo responsável por produzir efeitos de sentido através do embate, também encenado, de opiniões antagônicas.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Teoria Semi linguística. Mídia governamental. Notícia. Boato.

ABSTRACT:

This article aims to carry out a discursive analysis of news to verify rumors about Dilma Rousseff's Government, on the *Fatos & Boatos* website. In this way, we seek to understand how enunciation relates to public controversy in the construction of discourse, between facts and rumors. For that, we use Ruth Amossy's proposal for analyzing public controversy, as well as the theoretical presuppositions of Patrick Charaudeau's Discourse Analysis and Semi linguistic Theory. Furthermore, we

¹ Universidade Federal de Viçosa - <https://orcid.org/0009-0008-4523-4990>

² Universidade Federal de Viçosa - <http://orcid.org/0000-0002-0123-9828>

verified how the intersection between the facts and rumors present in the corpus is mediated by a staged public controversy, responsible for producing effects of meaning through the clash, also staged, of antagonistic opinions.

Keywords: Discourse Analysis. Semiolinguistic Theory. Government media. News. Rumors.

INTRODUÇÃO

Em 2015, Dilma Rousseff iniciou seu segundo mandato como presidenta do Brasil, após as eleições que ocorreram em outubro do ano anterior. Através de uma disputa acirrada, Rousseff, filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT), é reeleita para a presidência com uma diferença de apenas 3,6% para Aécio Neves, candidato do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB)³. Mesmo com um resultado inicialmente positivo para a candidata do Partido dos Trabalhadores, após a posse presidencial, o aumento de manifestações desfavoráveis ao Governo ocorreu de forma exponencial⁴, indo de manifestações públicas nas ruas até perseguições da mídia através de notícias sobre os acontecimentos da época. Ainda que reeleita de forma democrática, os pedidos para uma possível destituição da presidenta pairavam na voz do povo e eram colocados em pauta constante na mídia, chegando à Câmara dos Deputados em julho de 2015. O impeachment ocorreu mais tarde, em 31 de agosto de 2016. Contudo, seu início se deu de forma progressiva com auxílio de repercussões midiáticas como combustível para o caos, em uma sociedade atordoada por problemas econômicos, corrupção e crescente polarização política.

A seleção estratégica dos acontecimentos retratados na mídia foi ficando cada vez mais explícita à medida que mais rumores sobre esquemas de corrupção e possíveis medidas para conter o efeito causado por Dilma Rousseff apareciam. Essa escolha teve uma crescente em 2013 devido à diminuição da popularidade da presidenta. Dessa forma, informações que descredibilizavam o Governo ou que evidenciavam o caráter negativo das decisões tomadas pela presidenta eram postas em destaque. Com efeito, a criação de notícias que continham construções polêmicas

³ Os dados quantitativos foram obtidos a partir de uma interpretação do comunicado publicado pela Casa Civil.

⁴ De acordo com o mapa das manifestações no Brasil, publicado pelo G1.

como padrão se tornou mais comum. Isso dificultava ainda mais o contato do público com informações bem fundamentadas e tornava difícil a compreensão do cenário político da época. É nesse contexto que surge o site, de caráter oficial, criado pelo Governo para verificação de boatos intitulado *Fatos & Boatos*. O site visava à consolidação dos fatos ocorridos e o tratamento de boatos novos ou antigos (que surgiram no primeiro mandato de Dilma Rousseff, por exemplo).

A partir do exposto, voltaremos nosso olhar para a possibilidade de que um canal de verificação, que objetiva instaurar a informação “verdadeira”, possa utilizar estratégias para construir seu discurso a partir das mesmas manifestações polêmicas as quais quer combater. Com base nessa questão, o presente artigo tem como objetivo compreender, a partir de uma análise semiolinguística do discurso, como as notícias veiculadas no site *Fatos & Boatos* foram construídas. Isso será feito a partir da descrição dos modos de organização do discurso, seguindo Charaudeau (2019), a fim de compreender o funcionamento discursivo e os níveis de construção da polêmica. Além disso, tentaremos compreender como a polêmica é gerenciada no site, servindo como estratégia de construção em um espaço interseccional presente entre “fatos” e “boatos”, seguindo as ideias propostas por Amossy (2017).

Isto posto, constituímos um *corpus* com 15 notícias de verificação publicadas pelo site *Fatos & Boatos* contendo boatos relacionados ao Governo no ano de 2015⁵. Para desenvolvimento do trabalho, o separaremos em três seções. Na seção 1, discutiremos o conceito de fatos e boatos, e a relação entre tais termos. Já na seção 2, trataremos dos pressupostos teóricos e metodológicos que serviram de base para a realização das análises. Na seção 3, apresentaremos os resultados das análises das notícias a fim de compreender a relação entre a enunciação e a polêmica. Com base nessas questões, tentaremos identificar os moldes utilizados pela polêmica para transpassar quaisquer tipos de enunciação.

1 O ENTRELAÇAMENTO DOS FATOS E DOS BOATOS

⁵ O portal em questão foi retirado do ar em julho de 2022 e, para ser utilizado nesta pesquisa, foi recuperado através da ferramenta digital *Wayback Machine*, do *Internet Archive*. Todos os excertos utilizados foram retirados de tal recuperação.

1.1 FATO

Ainda que a definição de “fato” seja objeto de reflexão de muitos estudiosos e filósofos, partiremos do senso comum para nos aproximarmos de como ela é pensada dentro da sociedade. Inicialmente podemos dizer que há uma associação entre os fatos e a verdade e que, por isso, nas comunicações sociais, trata-se um fato como o maior centro de informações verdadeiras que se pode ter.

Segundo Bunge (2002), o conceito de fato se liga à noção de uma ocorrência possível da realidade. A questão da “possibilidade” não descredibiliza o que parte do exposto como fato, devido aos embasamentos aos quais é relacionado: o uso de fontes e provas que sustentam o caráter positivo do que é relatado nas informações apresentadas. Dessa forma, podemos supor que o fato se afasta da opinião, do juízo de valor e dos boatos, e se aproxima da noção de verdade, do mundo como ele é. Porém, essa hipótese apresenta problemas quando adentramos no campo jornalístico.

Embora construído com bases sólidas, levando em consideração que, de acordo com Koch (2001, p. 29), todo uso da linguagem é essencialmente argumentativo, quando tratados dentro dos meios midiáticos, os fatos podem carregar consigo formas de interpretação do mundo implícitas. Isto é, ao se abordar um acontecimento, mesmo visando total objetividade, um modo de dizer será selecionado e, assim, haverá um julgamento pré-estabelecido, ainda que mínimo, a partir das formas de se exprimir o acontecimento. É, pois, nesse espaço mínimo que as dúvidas quanto à veracidade das informações podem ser fundadas.

Ao pesquisarmos sobre o conceito dicionarizado de fato, não encontramos definições atreladas ao significado de notícia. Ainda assim, os termos são propostos, de maneira comum nas relações sociais, como sinônimos. É perceptível que, devido a isso, os impactos relacionados à credibilidade direcionada às produções desse gênero textual são crescentes: ao lermos uma notícia, automaticamente nos lembramos de sua proximidade com a exposição dos fatos, que, por si só, traduzem o que é verdade, ou seja, os fatos podem ser descritos tanto como “o que é verdadeiro, real” quanto como “o que está em questão” (*LAROUSSE CULTURAL*, 1998, p. 2365). Desse modo, percebemos que os fatos são vistos como a leitura que

deve ser feita do mundo, mas que também podem ser apenas o que se destaca em determinado momento, nos fazendo refletir sobre quais motivos e objetivos poderiam levar a esse destaque.

Neste trabalho, trataremos os fatos como sendo aquilo que manifesta a verdade, o oposto ao inventado, diferenciando-o dos boatos — mesmo que em determinado nível passem por caminhos comuns para serem construídos — e sabendo que, em sua essência, um fato seja apenas um consenso reiterado repetidamente e, devido a isso, encerra o espaço para questionamentos (Kapferer, 1993, p. 4-10). Desse modo, os fatos são o que se deseja chegar para proposição de um acontecimento, é o mais alto nível de credibilidade dentro de nossos meios sociais.

1.2 BOATO

Podemos pensar que, a partir das relações sociais, surgem os mais diversos tipos de experiências, sejam elas individuais ou em comunidade (IASBECK, 2000, p. 11-26). Assim, ao nos relacionarmos com o outro compartilhamos uma percepção do mundo, uma visão da realidade antes apenas individual, e que agora será externalizada para a coletividade dos espaços sociais. É nesse cenário que os “boatos” surgem de maneira quase tão antiga quanto as primeiras formas de comunicação, inicialmente construídos através da expressão oral, serviam como ferramenta de expansão e transmissão de conhecimentos sobre as mudanças iminentes do mundo à nossa volta, como veremos.

O termo boato é normalmente compreendido como uma informação expressa de maneira anônima, divulgada sem comprovação, mas não como uma inverdade. Segundo o *Dicionário Houaiss* (2009, p. 65), “boato é uma notícia muito propalada, mas não necessariamente falsa” e, de acordo com a *Grande Enciclopédia Larousse Cultural* (1998, p. 810), é uma “notícia ou novidade que circula na boca do povo, sem origem conhecida que autentique”. Ou seja, os boatos estão no limiar do desconhecido, e, a partir desse pressuposto, são pensados apenas como uma informação não oficial que deve ser verificada.

De acordo com Kapferer (1993, p. 4), desde os primórdios, “o boato veiculava as informações, fazia e desfazia as reputações, precipitava os motins ou as guerras”. Logo, percebemos que o propósito desse discurso não aparece, necessariamente, sempre atrelado às inverdades ou em contradição aos fatos. Pelo contrário, o boato seria responsável por revelar importantes questões que, por razões desconhecidas, ainda não estariam em domínio público. Para ser construído, segundo Kapferer (1993, p. 5), o boato primeiro necessita se relacionar com o ocorrido, com o acontecimento primário que, em sua face inicial, não sofreu interferência da leitura de mundo de outrem. Depois, as reflexões que poderão surgir a partir desse contato caberão não só às percepções de reprodução da realidade, mas também às experimentações possíveis entre o indivíduo e o acontecido. Dessa forma, as ligações lógicas nesse processo poderão compreender o domínio fantástico e tenderão ao fantasioso, modificando o ocorrido inicial de forma com que o próprio indivíduo possa verdadeiramente acreditar em sua criação. É a partir disso que os boatos surgem, se tornando uma simulação da realidade à qual nem sempre será totalmente inventada, uma vez que trazem em sua essência a experimentação do fato. Contudo, como dito anteriormente, será apenas uma simulação, sem comprovação ou evidências para serem firmadas, e terá em seu cerne uma possibilidade interpretante do mundo.

Com o surgimento das mídias digitais, a necessidade de se ter provas sobre a veracidade das informações se tornou essencial na transmissão do conhecimento, porém movidos dentro do espaço da dúvida, os boatos não perderam sua importância. Assim, o espaço em que os boatos se movem, é o espaço do não-dito, isto é, da possibilidade de revelação do verdadeiro, de informações confidenciais ou escondidas da comunidade.

Com o crescimento das mídias digitais, as quais não suprimiram a existência dos boatos, as formas de operar⁶ a construção dessa forma de comunicação também emergiu. Hoje existem formas de se identificar um boato, mas as formas de se esconder a natureza desses boatos também evoluem. Logo, o território de

⁶ Existem diversas estratégias e procedimentos que podem contribuir para a construção de boatos, como o uso do exagero, da generalização, do humor, do amálgama, entre outros possíveis. (Charaudeau, 2022, p. 92).

comunicação ao qual pertence é marcado pelo uso de estratégias que fazem com que a propagação de boatos vire uma fonte de poder. Quanto maior o número de informações novas ou confidenciais, furos de reportagens e curiosidades acerca de assuntos em destaque, maior poder se tem dentro do imaginário coletivo.

O boato, então, ressoa na mente dos indivíduos como verdades absolutas, apresentadas para o bem-estar social. Então, ainda que seja verificado e anulado posteriormente, sobrevive no imaginário da comunidade. Contudo, é necessário destacar que a necessidade de verificação da veracidade dos boatos ainda se faz presente, visto que não podemos confundir essas leituras do mundo com produções jornalísticas.

1.3 A PROXIMIDADE ENTRE FATOS E BOATOS

Apesar de os fatos nada terem a ver com questionamentos individuais, as possibilidades de leitura feitas a partir deles são exercícios manifestos, devido à subjetividade, isto é, a partir do contato individual com o mundo que surgem as percepções da realidade. Desse modo, mesmo que não seja possível questionar o fato e sua veracidade, é possível que se tenha diferentes leituras de um mesmo acontecimento (Charaudeau, 2022, p. 38), o que pode gerar transformações disformes que transgridam a realidade factual apresentada. Por outro lado, os boatos não apresentam padrões regulares em sua construção, mas, mesmo assim, são capazes de agitar a sociedade e criar expectativas para o que se possa vir.

Nesse cenário, surgem os boatos que são capazes de simular os acontecimentos a partir de leituras próprias, se infiltrando nas mídias digitais a partir do compartilhamento comunitário de informações. Além disso, são criados em função de uma rede lógica de informações, uma vez que se dirigem a situações concretas. Logo, os boatos se relacionam às possibilidades de interpretação com a fundamentação lógica cabível, inicialmente, apenas ao fato. É dessa maneira que, nos baseando em Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 75-83), notamos o caráter intrínseco que os fatos têm na constituição dos boatos: esses, apesar de surgirem de leituras subjetivas sem embasamento, só existem se aqueles com real comprovação

criarem motivação. Portanto, podemos dizer que não há boato sem incitação, sem o primeiro impulso, e esse só pode ser criado a partir de fatos.

1.4 FATO E BOATO NO SITE *FATOS & BOATOS*

Após a reflexão apresentada anteriormente, trataremos de como os conceitos apresentados são mostrados dentro do *corpus* desta pesquisa: o site governamental *Fatos & Boatos*. Criado em 17 de dezembro de 2015 — próximo à data de anulação da cassação do mandato de Dilma Rousseff —, o site *Fatos & Boatos* era gerenciado pela Secretaria de Comunicação Social por meio do Gabinete Digital e tinha como objetivo promover a desconstrução de informações falsas circulantes nas mídias digitais. A ferramenta, como descrito em sua página principal, visava auxiliar a identificação de informações consumidas nas redes sociais, de forma simples e lúdica⁷, buscando aproximar a população dos fatos verdadeiros ocorridos no Brasil.

O site era composto por uma seleção de textos que traziam informações sobre os boatos, juntamente de uma explicação para o acontecimento em questão. Além disso, o portal também contava com outras subdivisões, tais como um canal de ouvidoria, uma lista de oito motivos para compartilhar apenas verdades e um informativo sobre o que eram boatos, sempre buscando reforçar o que era um boato e como lidar com essa forma de comunicação. Não se tem a razão exata para a seleção dos boatos pelo site, mas o que se observa é que todos traziam em seu cerne falas relacionadas ao Governo da época. O site traz em sua página principal uma definição de boato do *Dicionário Aulete*, em edição não especificada, como é mostrado a seguir:

O boato segundo o dicionário Aulete é uma história ou notícia que se divulga sobre alguém ou algo, sem que se confirme sua origem ou veracidade; uma notícia ou informação sem fundamento. Ele contém mensagens que geram algum tipo de indignação, culpa, medo ou pena, fazendo com que as pessoas se sintam provocadas a passarem o boato para frente (Portal Brasil, 2015a).

⁷ O site dispõe de vídeos, imagens com desenhos de autoria própria e linguagem jovial para construir sua verificação. Nesse sentido, o lúdico é utilizado de forma ampla como sendo uma ferramenta geradora de criatividade capaz de tornar os textos mais acessíveis ao público. O objetivo, nesse caso, é facilitar a compreensão das informações apresentadas.

A partir dessa definição, à qual não se pode comprovar a veracidade devido à não disponibilidade da fonte utilizada na íntegra, podemos perceber que os boatos são relacionados ao que é falso, sem comprovação, e como uma forma de manipulação social. Traçando um paralelo com o dicionário *Aulete Digital*, a definição trazida por ele se distancia da apresentada pelo site: boato é uma notícia, novidade, que circula no público, sem autor conhecido que a autentique. Mesmo com a distância entre as definições, podemos perceber que o posicionamento do site quanto aos boatos é negativo, afinal, eles são tratados como um problema a se combater, algo que não deveria estar circulando entre a comunidade, cabível até a denúncia formal.

É válido destacar que a definição de fato não é exposta em nenhum momento no site, porém é percebido, por meio de outras informações (como a própria utilização da nomenclatura nas verificações), que os fatos são relacionados ao que é noticiado por fontes confiáveis, como o próprio Governo, e que trazem a verdade. Pensando nisso, podemos perceber que os fatos estão do lado que se pretende fazer crer e não são tratados como possibilidades de se ver o mundo, como apresentado anteriormente, mas como a única opção possível e cabível. Dessa forma, mesmo que o site não faça uma menção específica aos fatos, apenas a colocação dos boatos como vilões é capaz de gerar uma impressão de que seu oposto — as notícias do site — seja o lado confiável, ainda que ambos possam compartilhar de características similares.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS PARA UMA ANÁLISE DISCURSIVAS DO SITE *FATOS & BOATOS*

2.1 O ATO DE LINGUAGEM E SEUS COMPONENTES ESTRUTURAIS

De acordo com Charaudeau (2019), o ato de linguagem não deve ser pensado apenas como a relação entre um receptor e um emissor em um contexto de produção de uma mensagem. Na verdade, ele deve ser visto como um encontro dialético entre o processo de produção e o processo de interpretação, se tornando um ato interenunciativo composto por quatro sujeitos os quais serão os protagonistas da

linguagem, detentores de determinados saberes capazes de identificar uma assimetria quanto aos processos de produção e interpretação do ato de linguagem. Portanto, se faz valer a importância dos sujeitos da linguagem para compreender os desdobramentos que fazem parte do ato.

Em primeiro lugar, voltando nossa atenção ao espaço externo da linguagem, encontramos um sujeito que faz parte desse campo: O EUC. Também chamado de sujeito comunicante, o EUC participa do ato da linguagem em sua totalidade, interferindo no processo interpretativo do destinatário com quem tem contato durante o processo comunicativo. Segundo Charaudeau (2019), esse sujeito é responsável pela organização do discurso, ainda que se posicionando externamente ao ato de linguagem. Além disso, pode ser definido como um ser social, o qual maneja estratégias para performar na construção discursiva. Ele, ainda que agindo como testemunha do real⁸, depende de um ser interpretante que compartilhe dos mesmos conhecimentos para compreender as informações subscritas no ato.

Já o sujeito enunciador, chamado de EUE, é um ser de fala presente, de maneira implícita ou explícita, no ato de linguagem. Apesar de definido como sujeito enunciador, esse EUE corresponde, apenas, a uma imagem de enunciador que o sujeito interpretante cria como hipótese de existência. Ao EUE se agrega um instituto exclusivamente linguageiro, ou seja, a ele se espera apenas o trabalho de materialização da linguagem em formato de discurso. Desse modo, esse sujeito é transparente já que é somente dentro da particularidade do ato de linguagem que assume configurações para construção de seu discurso, as quais terão certo efeito sob seu interpretante. No entanto, a transparência ligada ao EUE é apenas parcial, uma vez que o ato de linguagem também é composto por um sujeito externo à linguagem, o qual carrega características distintas.

No que se refere aos sujeitos responsáveis pela zona de recepção do discurso, Charaudeau (2019) afirma que há um destinatário ideal imaginado por EUC, a quem criará o discurso pensando nas adequações necessárias para que o interlocutor fabricado compreenda as produções discursivas. Esse destinatário ideal é chamado de TUD. Por outro lado, há um ser externo ao ato enunciativo, o qual é responsável

⁸ De acordo com Charaudeau (2019, p. 51), não é inscrito valor absoluto ao “real”, mas um valor de estatuto da linguagem.

pelos processos de interpretação do que é discursado: o TUi. Esse sujeito está presente no ato de linguagem fora do processo de produção, isto é, não é levado em consideração pelo locutor nem antes nem durante a construção discursiva. Contudo, a ele se garante autonomia para, a partir do contato com o discurso, criar múltiplas possibilidades interpretativas que podem ir além do imaginado pelo locutor.

De acordo com a ideia de que “todo ato de linguagem resulta de um jogo entre o implícito e o explícito” (Charaudeau, 2019, p. 52), dizemos que há uma *mise-en-scène* composta por sujeitos inscritos em dois circuitos, um interno e outro externo, de produção do saber. Pensando nisso, para que o ato seja bem-sucedido, deverão ser utilizados contratos e estratégias dentro da encenação do ato. Em relação ao contrato, compreendemos que seja definido a partir do acordo implícito entre os parceiros da linguagem sobre as representações linguísticas, as quais definirão se ambos compartilham das mesmas competências para concretizar a comunicação. Os contratos são diversos, no entanto estão submissos às condições de produção. É dessa maneira que a teoria semiolinguística propõe a existência de um contrato de comunicação capaz de definir os papéis assumidos pelos sujeitos falantes e as restrições as quais são submetidos ao iniciarem uma interação. Tal acordo contractual, velado, mais ou menos transparente aos sujeitos e implicado ao ato de fala, considera determinadas construções languageiras expressas em práticas sociais durante um ato de comunicação, estabelecendo um determinado contrato de linguagem.

De acordo com Charaudeau (2019), um ato de comunicação pressupõe não apenas um espaço de restrições proposto pelo contrato, mas também um espaço de manobra, que evidenciaria o jogo de interesses entre os sujeitos, já que todo ato implica a existência de um sujeito que quer agir sobre outro, utilizando de estratégias para construção de seu discurso. Ainda de acordo com o autor, em relação a essas estratégias, podemos dizer que têm sua formação a partir da intencionalidade do locutor, sendo fabricadas em meio ao contrato que estão inseridas. Desse modo, a organização da *mise-en-scène* será fundamentada a partir dos efeitos de sentido os quais se quer causar ao interlocutor, já que as estratégias são formadas a partir das intencionalidades do sujeito. Isto posto, pode-se dizer que os sujeitos estão imersos em um jogo no qual se tem como base não só a

imprevisibilidade quanto à interpretação do interlocutor, mas também a conscientização do locutor na produção dos efeitos desejados em seu discurso. Tal reflexão nos leva até outro componente da construção e da organização discursiva: os modos de organização do discurso.

2.2 MODOS DE ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO: ENUNCIÇÃO EM FOCO

Para Charaudeau (2019), a linguagem não é transparente. Assim, a intencionalidade presente nos atos de fala assume uma diversidade de formas que esconde o não dito por trás do dito. Dessa maneira, é possível compreender a intencionalidade, que é implícita, a partir do que é explicitamente declarado através de usos estratégicos da linguagem. Nesse sentido, os modos de organização do discurso se manifestam nessas construções, que, com respaldo de categorizar as interações sociais, buscam compreender as especificidades de cada procedimento linguístico. Portanto, dentro de uma situação de comunicação, que detém suas estratégias e restrições próprias, os sujeitos se inserem em uma espécie de encenação, também chamada *mise-en-scène*, e podem utilizar das “categorias da língua ordenadas nos modos de organização do discurso para produzir sentido, através das configurações de um texto” (Charaudeau, 2019, p. 75). Isto é, os modos de organização do discurso são o agrupamento categórico dos procedimentos linguísticos utilizados para determinadas finalidades nas construções discursivas, podendo ser ordenados em diferentes modos. No entanto, devido ao peso particular que o modo enunciativo mantém enquanto peça-chave para a construção dos outros modos — se fazendo presente, também, em todas as construções discursivas — seus componentes terão destaque quanto às categorias do discurso.

Em virtude disso, inicialmente, é preciso destacar que o modo enunciativo “intervém na encenação de cada um dos três outros modos de organização” (Charaudeau, 2019, p. 74). Por isso, se torna aquele que, através de uma função particular dentro do discurso, é capaz de marcar a posição e a relação entre os interlocutores. Também tem como foco os protagonistas da linguagem, ou seja, aqueles que em uma encenação constituem a ordem do dizer. Além disso, é responsável por estabelecer relações de influência entre interlocutores, bem como,

na construção do ato, indicar a formação de componentes do dispositivo comunicativo que se desdobram em comportamentos alocutivos, elocutivos ou delocutivos.

No que se refere ao comportamento alocutivo, estabelece-se uma posição de influência entre interlocutores. Assim, o locutor age sobre o interlocutor em uma tentativa de determinar um comportamento. Devido à posição de influência presente nessa relação, os sujeitos ganham “papéis languageiros” de superioridade ou inferioridade, a depender da situação de comunicação. As modalidades que compõem o comportamento alocutivo se dividem entre essas duas possibilidades de papéis, se configurando em “uma relação de força em que o locutor se coloca em posição de superioridade com relação ao interlocutor” ou em “uma relação de pedido na qual o locutor se coloca em posição de inferioridade com relação ao interlocutor” (Charaudeau, 2019, p. 86). Nesse comportamento, então, tem-se um ponto de vista baseado na ação manifestada ao outro, fazendo com que o locutor se coloque no discurso para criar reações desejadas ao interlocutor.

Já no comportamento elocutivo “o sujeito falante enuncia seu ponto de vista sobre o mundo, sem que o interlocutor esteja implicado nessa tomada de posição” (Charaudeau, 2019, p. 83). Isso significa que a relação com o interlocutor não terá o maior destaque, conferindo este lugar à relação do locutor consigo mesmo. Dessa forma, o sujeito falante estará interessado em tratar das implicações de sua subjetividade. Por não implicar o locutor na construção discursiva, as categorias que compõem tal comportamento são definidas a partir de um “ponto de vista sobre o mundo” e se desdobram em outras categorias modais que posicionam o interlocutor em papel de destaque.

Por fim, temos o comportamento delocutivo, no qual “o falante se apaga de seu ato de enunciação e não implica o interlocutor” (Charaudeau, 2019, p. 83). Nele, o locutor se coloca como testemunha e porta-voz dos discursos impostos a ele. Tais discursos não correspondem, em teoria, ao discurso do locutor, fazendo com que a tomada de posição seja desvinculada. Há duas possibilidades para apresentação do objetivo desse comportamento. A primeira está relacionada ao grau de asserção, a qual apresenta um propósito que se autoimpõe, sem influências alheias. É nesse caso que as modalidades presentes no modo elocutivo se transformam em modalidades

do modo delocutivo, fazendo com que os modos de dizer antes voltados ao “eu” sejam transpostos a um modo de dizer típico de reprodução de “conhecimentos do mundo”. A segunda, tem propósito de relatar a produção de um outro sujeito. Nesse caso, o que é relatado é o que outro locutor construiu, reproduzindo o modo com o qual o fez.

2.3 AS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS: LEGITIMAÇÃO E CREDIBILIDADE

Com base em Charaudeau (2010), a individualidade do sujeito se constitui através de estratégias. Isto é, ao criar seu discurso, o sujeito expressa sua individualidade e, para isso, precisa manejar algumas estratégias discursivas em sua construção, tais como as estratégias de legitimação e de credibilidade.

Em primeiro lugar, as estratégias de legitimação, segundo Charaudeau (2010), “são mobilizadas quando o sujeito falante não está certo disso ou quando ele pensa que ele não está suficientemente legitimado aos olhos de seu interlocutor”. Logo, fará o uso de construções que insiram o locutor dentro de um estatuto de poder diante do que fala. Esse estatuto corresponde à permissão de se poder — ou não — dizer determinada informação em razão das características de quem a reproduz. Isto significa que, através da valorização que o interlocutor dá a seu locutor, o discurso pode ou não valer como legítimo. Por essa razão, para ser considerado como verdadeiro, o interlocutor cria maneiras de se posicionar como autoridade no que diz, colocando-se de forma superior ao outro. Para isso utiliza, também, as estratégias de credibilidade na construção de seu discurso.

Em segundo lugar, as estratégias de credibilidade, que de acordo com Charaudeau (2010), se mobilizam visando aceitação do discurso pelo locutor. Dessa maneira, o locutor tenta mobilizar todas as ferramentas que pode para tornar seu discurso digno de crença. Essas ferramentas podem ser provas concretas, como dados numéricos, ou através da voz de outro sujeito que já tem autoridade para tratar de determinado assunto. Assim, o sujeito locutor traz para seu discurso as vozes de sujeitos os quais têm poder estabelecido – como um especialista no assunto, por exemplo. Dessa maneira, o locutor “pega emprestado” para seu discurso, o discurso do outro, o qual já conquistou domínio legítimo nos espaços.

Tais estratégias são responsáveis por, em um ato de linguagem, auxiliarem a construção discursiva. Estão inseridas, portanto, dentro do espaço de manobra o qual o locutor pode assumir em suas enunciações. A partir dessas estratégias é possível perceber que, com base na visada desejada, o locutor percebe quais as melhores ferramentas disponíveis e cria seu raciocínio imaginando que ele será o melhor modo de alcançar seus objetivos.

2.4 A POLÊMICA E SEUS COMPONENTES

De acordo com Amossy (2017), o conceito de “polêmica” traz junto de si a previsão de uma má reputação, ainda que não seja, necessariamente, um problema a ser eliminado das interações sociais. Com isso, o contato entre polêmica e público ocorre, na maioria das vezes, a partir de questões de grave impacto na sociedade. Além disso, a necessidade de se posicionar de maneira favorável ou desfavorável à polêmica se torna uma ação quase obrigatória diante do embate entre lados opostos que requerem uma escolha.

Para entendermos o conceito de polêmica, devemos compreender sua finalidade, já que tal conceituação, ainda que ampla, deve ser interligada *a priori* a um conceito anterior: o dissenso. Apesar de o termo “dissensão” ter múltiplos significados, iremos tratá-lo como “uma discordância, como uma profunda, ou até mesmo violenta, diferença de opiniões” (Amossy, 2017, p. 17). O dissenso é posto como contrário ao consenso, já que se insere dentro de um espaço democrático. Isso se prova uma vez que o desacordo não se refere apenas à falta de harmonia, mas também à possibilidade de coexistência de manifestações plurais sem que haja necessidade de adesão única entre os pares.

Nesse sentido, a polêmica deve, segundo Amossy (2017), se voltar a um debate de interesse público pautado em um assunto da atualidade, para que cumpra sua função de atitude democrática no espaço social. Ao adentrar nesse espaço, porém, deve tomar consciência dos modos que aparecem os discursos no meio público, os quais são voltados a propor o choque de opiniões antagônicas. Além disso, a polêmica, apesar de efêmera, deixa vestígios que, ainda com base na autora, se confirmam através de um *continuum*, ou seja, a polêmica se forma em um espaço de

ressurgência de informações. Portanto, para que haja polêmica é preciso que pontos de vista antagônicos não apenas se choquem, mas também dialoguem entre si, mostrando razões para apoiar ou refutar determinada causa — seja ela adepta, seja ela adversária.

Ainda de acordo com Amossy (2017), para se criar o dispositivo de encenação da polêmica é necessário um proponente (aquele que propõe o início de um debate), uma asserção sobre o mundo (responsável pelo embate de opiniões) e um oponente (que se coloca e é colocado como adversário, por ter opinião distinta ou por não se deixar-crer em uma opinião primeira). Desse modo, a polêmica não só se inscreve na existência de um contradiscurso, mas também desempenha um papel enunciativo. Pode-se dizer que a polêmica se torna uma modalidade do discurso uma vez que perpassa diversos enunciados, apresentando características de ancoragem com movimentos próprios, tais como a dicotomização, a polarização e a desqualificação do outro. Em suma, a polêmica é identificada a partir dos movimentos que a compõem.

Trataremos as definições dos movimentos com base em Amossy (2017). Em primeiro lugar, entende-se a dicotomização como a eliminação de duas opções opostas, ou seja, se há duas proposições contrárias e irreduzíveis, o choque antagônico gera a radicalização do embate tornando o consenso impossível. Já a polarização é a divisão social que ocorre quando um contraste marcado por dois lados opostos se manifesta através da fusão dos demais participantes, formando um grupo maior através da identificação entre os valores e a rejeição a seu opositor. Esse, como em um campo de guerra, é dividido entre o lado do “nós” e o lado do “eles”, causando um efeito manada que reforça a polêmica. Por fim, a desqualificação do outro, a qual traz a identidade de um grupo apresentando um grupo oposto de maneira negativa, evidencia os contrastes presentes nas identidades de maneira exagerada a fim de causar controvérsia e enfraquecer as razões do adversário.

Em suma, por funcionar dentro do espaço público, a polêmica é encenada através de uma espetacularização dos acontecimentos (Amossy, 2017), se tratando de um espetáculo, infere-se a presença de um auditório a ser atingido, tornando a modalidade polêmica tanto um modo de organizar o discurso, quanto um modo de falsear o dizer do outro para impactar tal auditório. Logo, se faz valer outra

característica da polêmica proposta por Amossy (2017): ela deve promover a possibilidade de reconhecimento do discurso atacado para lançar a ele descrédito. Dessa forma, os movimentos da polêmica se ligam a funções sociais que revelam sua presença.

3 ENUNCIÇÃO E POLÊMICA: UMA CONSTRUÇÃO RELATIVAMENTE VELADA

3.1 A TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA NO PROCESSO DE ENUNCIÇÃO

Os textos que compõem o *corpus* desta pesquisa são construídos de maneira monologal, ou seja, não há confronto face a face. Isso se dá devido à ausência de ambos os interlocutores na situação de comunicação, impossibilitando que um diálogo — em sentido restrito ao texto — aconteça. Assim, locutor e interlocutor não têm contato imediato, a não ser posteriormente dentro de possíveis comentários⁹. Logo, por não haver um interlocutor real disponível durante a construção do discurso, o locutor pode construir o que será dito de maneira lógica e organizada.

Pensando no ato de linguagem, podemos descrever o dispositivo enunciativo que rege a comunicação e os sujeitos que o integram. Primeiramente, identificamos o EUC — ser social — como a Secretaria de Comunicação Social, por meio do Gabinete Digital. Esse Gabinete foi criado pelo Governo Dilma em uma tentativa de ampliar o acesso à informação. O primeiro feito do Gabinete foi a reformulação do Portal Brasil, canal responsável pela gestão de conteúdo do Governo Federal. Assim sendo, o Portal, reformulado pelo Gabinete Digital, é responsável por gerenciar todas as informações oficiais relacionadas ao Governo, incluindo aquelas publicadas no site *Fatos & Boatos*. Dessa forma, o EUC é caracterizado como um órgão governamental, sendo porta voz na comunicação de assuntos do Governo.

O EUC cria uma estratégia de afastamento para que não se perceba a relação direta entre as informações postas no site e uma possível tomada de partido das formas de se ver os fatos. Então, apesar de ter seus próprios objetivos dentro do ato,

⁹ É válido destacar que o site possui um espaço destinado ao envio de dúvidas dos internautas sobre alguma informação, porém ele não se encontra entre as notícias, correspondendo a uma aba separada chamada “Tire suas dúvidas”.

não se apresenta utilizando tal face, mas ao contrário, cria um sujeito comunicacional para atingir seu público-alvo.

Esse sujeito comunicacional é o EUE — ser de fala — criado a partir de uma “máscara” jornalística¹⁰, a qual seria responsável por retratar os acontecimentos de maneira fiel ao público. Dessa maneira, o EUE, pode utilizar de construções discursivas que o caracterizariam como um mero canal de informação, sem que haja ligação direta à imagem que apresenta quando ser social, como em: “mesmo se o governo quisesse — e ele não quer, nunca quis e não o fará! [...]”¹¹. Nesse exemplo, é possível perceber a maneira pela qual o EUE se desvincula totalmente de sua imagem real, como se fossem sujeitos sem nenhum tipo de ligação dentro do ato de linguagem.

O TUi — ser real — seria percebido como as pessoas que realmente leriam as notícias publicadas pelo site com os mais variados objetivos: curiosidade, discordância do assunto, intenção de crítica etc. Logo, o TUi é a quem as notícias chegaram, o que faz com que diversas interpretações possíveis sejam geradas, fugindo do controle do locutor.

Já o TUD — ser idealizado — seria percebido como a população brasileira que deseja se informar diante dos acontecimentos do país. Pensando nisso, o surgimento do site teria tido como finalidade atingir pessoas que, devido ao excesso de informações, não conseguiam consumir as “verdadeiras” informações. Então, o TUD é idealizado de maneira que as construções feitas pelo EUE se apresentem voltadas a um sujeito destinatário que sequer sabe que está consumindo boatos.

Dessa maneira, percebe-se que a necessidade de definir todas as informações contrárias às publicadas pelo site como boatos está presente em todas as notícias. Isso é evidenciado seja a partir da repetição excessiva da palavra “boato” nos títulos (“Boato sobre aposentadoria aos 95 anos”¹², “Boato sobre major que se recusou a receber medalha”¹³), seja através de estratégias para conduzir o pensamento do destinatário a uma determinada linha de raciocínio, como o uso das perguntas

¹⁰ O conceito de “máscara” é compreendido como a mudança de identidade que se assume durante uma situação de troca. (CHARAUDEAU, 2008, p.12).

¹¹ Portal Brasil. Fatos & Boatos. *Boato de que o governo vai confiscar a poupança*. 2015b.

¹² Portal Brasil. Fatos & Boatos. *Boato sobre aposentadoria aos 95 anos*. 2015c.

¹³ Portal Brasil. Fatos & Boatos. *Boato sobre major que se recusou a receber medalha*. 2015d.

retóricas (“Como pode acabar um programa internacionalmente reconhecido por organismos como as Nações Unidas [...] e o Banco Mundial?”¹⁴, “O que você acha de trocar seus documentos pessoais, como RG, CPF e Título de Eleitor, por uma única carteira de identidade?”¹⁵). Dessa forma, é possível perceber que há trechos que não se direcionam a um destinatário ideal (ou seja, o sujeito que não sabe o que deve consumir/acreditar), mas àqueles que compartilham os boatos conscientemente, como visto em: “Não compartilhe boatos nas redes sociais”¹⁶ e “Não espalhe boatos ou mensagens falsas. Deixe as teorias conspiratórias apenas para os filmes de ficção”¹⁷. Esses trechos evidenciam uma mudança de posicionamento diante da “inocência” dos indivíduos quanto aos fatos e aos boatos, isto é, considera-se a possibilidade de haver consciência durante o ato de compartilhar boatos no lugar dos fatos.

Após compreendermos como se forma a *mise-en-scène* no circuito interno e externo do dizer, podemos dizer que a relação entre os sujeitos não é simétrica, uma vez que, em todas suas faces, EUC e EUE não pertencem à mesma hierarquia que TUD e TUi, ora por fazerem parte de uma instância de governança superior, ora por serem detentores de um saber ainda não compartilhado. Por essa razão, as estratégias utilizadas na elaboração do discurso poderão ser as mais variadas, uma vez que o sujeito que comunica é mestre da encenação que irá construir. Isto posto, nos voltaremos aos processos responsáveis por ordenar as finalidades discursivas no ato de comunicação. Tais processos, chamados modos de organização, serão responsáveis por operar as categorias da língua na construção do discurso.

3.2 O MODO ENUNCIATIVO NA CONSTRUÇÃO DO SITE *FATOS & BOATOS*

No que se refere aos modos de organização do discurso propostos por Charaudeau (2019), destacamos que a situação de comunicação é composta por um propósito inscrito a partir do ponto de vista enunciativo. Desse modo, entendemos que, na formação do ato de linguagem, as categorias da língua e as marcas de

¹⁴ Portal Brasil. Fatos & Boatos. *Boato sobre o fim do bolsa família*. 2015e.

¹⁵ Portal Brasil. Fatos & Boatos. *Boato do "chip da besta"*. 2015f.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Portal Brasil. Fatos & Boatos. *Boato: Dilma criou sigilo para investigação de acidente aéreo*. 2015g.

posições assumidas pelo sujeito falante em relação ao interlocutor podem ser ordenadas em função das finalidades discursivas. Partindo desse ponto, entramos especificamente no modo de organização enunciativo, e analisaremos as formas assumidas pelos parceiros da linguagem presentes no *corpus* no que se refere às modalidades alocutivas, elocutivas e delocutivas.

A princípio, notamos o aparecimento de 5,59% de recorrências de modalidades alocutivas no *corpus*, o que corresponde a 8 ocorrências das 143 contabilizadas no total. Essa porcentagem corresponde a breves aparições dentro do *corpus*, ou seja, as recorrências de uma relação marcada pela influência do locutor sobre o interlocutor são mínimas:

Tabela 1 - Relação entre as modalidades alocutivas e os exemplos do *corpus*.

Não acredite em boatos e mensagens na internet que tentam desacreditar o projeto do rio São Francisco.	Injunção
Não acredite nesses boatos.	Injunção
O que você acha de trocar seus documentos pessoais, como RG, CPF e Título de Eleitor, por uma única carteira de identidade?	Interrogação
Não compartilhe boatos nas redes sociais.	Injunção
Não espalhe boatos ou mensagens falsas. Deixe as teorias conspiratórias apenas para os filmes de ficção.	Injunção
Não acredite e não espalhe mensagens absurdas e falsas que tentam criar um novo fantasma a partir de uma questão humanitária envolvendo os haitianos.	Injunção
Se algum amigo se indignar com esse vídeo, avise a ele que se trata de um material de uma página humorística.	Injunção

Não espalhe boatos. Antes de compartilhar uma mensagem nas redes sociais, verifique se as informações são verdadeiras.	Injunção
--	----------

Pode-se perceber que as aparições do alocutivo se manifestam, principalmente, em forma de injunção. Tal configuração atribui ao locutor o poder de mandar-fazer, estabelecendo uma posição hierárquica assimétrica quanto ao interlocutor, o qual deve se submeter ao cumprimento de ordens ou a restrição de ações.

Voltando à composição do ato de linguagem, pensamos que tais ocorrências seriam responsáveis por manifestar as variações entre os tipos de destinatários na construção do texto. Isso se dá uma vez que a maioria das aparições do modo alocutivo conferem uma visada diferente da que aparece no restante do texto, ou seja, a maior parte dessas recorrências são direcionadas à tentativa de alerta ou proibição de uma determinada ação, como, por exemplo, o impedimento de se compartilhar os boatos. Dessa forma, as alocações não seriam direcionadas ao público-alvo ideal, aquele que não tem conhecimento de sua atitude falha, mas àqueles que, conscientemente, agem em prol do compartilhamento dos boatos.

Isso pressupõe que o uso de modalidades alocutivas mostra pequenas variações dentro do dispositivo de encenação da linguagem, sugerindo uma tentativa de precaução do locutor a possíveis interlocutores indesejados. Além disso, pode-se perceber que a construção do discurso não visa apenas o que se propõe explicitamente, se voltando a um propósito implícito do qual tenta se distanciar, como em: “Confira nesta página alguns dos principais boatos sobre o governo federal, saiba a verdade e ajude a divulgar as informações reais”¹⁸. No excerto percebemos que o objetivo descrito é fazer com que seu interlocutor não só tenha acesso a informações de maneira segura, mas também ajude a divulgar os fatos corretos. Tal trecho vai contra a ideia de que esses mesmos interlocutores pudessem ser responsáveis pela divulgação consciente de boatos, o que revela que as alocações mostradas anteriormente fogem do contrato inicial definido pelo locutor, assumindo um novo objetivo dentro das construções discursivas.

¹⁸ Excerto retirado da página inicial do site *Fatos & Boatos*. 2015a.

Quanto às modalidades delocutivas, constatamos que aparecem em 94,4% do *corpus*, isto é, em 135 ocorrências. A maior parte das construções feitas nas notícias a utilizam com base em variantes de modalidades elocutivas voltadas à asserção. É possível perceber isso a partir de uma engenharia reversa em que as correspondências são encontradas:

Tabela 2 - Tabela baseada em Charaudeau (2019).

ELOCUTIVO	DELOCUTIVO		ELOCUTIVO
MODALIDADES	ASSERÇÕES E CONFIGURAÇÃO	EXEMPLOS NO <i>CORPUS</i>	EXEMPLOS DE INVERSÃO AO ELOCUTIVO
“Constatação e Saber”	Constatação	Mantido o atual ritmo de trabalho, a obra será entregue em dezembro de 2016.	Eu constato que mantido o ritmo atual de trabalho, a obra será entregue.
“Opinião-convicção” “Opinião-suposição”	Evidência Probabilidade	O que existe, de fato, é que o BNDES é uma instituição financeira que segue as regras do Banco Central.	Eu acredito que o que existe, de fato, é que o BNDES é uma instituição financeira que segue as regras do Banco Central.
“Apreciação”	Apreciação	É importante ressaltar que o Brasil vive sob um regime capitalista, de economia de mercado.	Eu acho importante ressaltar que o Brasil vive sob um regime capitalista, de economia de mercado.
“Obrigação”	Obrigação	Uma legislação de 2001 proíbe qualquer medida para bloquear a poupança.	Devo dizer que há uma legislação de 2001 que proíbe qualquer medida para bloquear a poupança.

“Possibilidade”	Possibilidade	Na parte financeira, é possível ainda pensar na facilidade para abrir um crediário ou fazer a quitação de um empréstimo atrasado.	Eu posso, na parte financeira, ainda pensar na facilidade para abrir um crediário ou fazer a quitação de um empréstimo atrasado.
“Aceitação”	Aceitação Recusa	A criação do exército de haitianos é uma grande mentira que circula na internet.	Eu me oponho à ideia de que a criação do exército de haitianos seja verdadeira.
“Declaração- Confissão” “Afirmção Confirmação”	Confissão Confirmação	Ninguém terá que se aposentar só aos 95 anos de idade. Isso não é verdade.	Afirmo que ninguém terá que se aposentar só aos 95 anos de idade.

A partir do quadro de inversão, podemos perceber que a ação da mudança do ato elocutivo para o delocutivo se faz presente. É válido destacar, neste momento, que as modalidades elocutivas em si não aparecem dentro do *corpus*, uma vez que o objetivo das construções é trazer maior aceitação do conteúdo das notícias. Sendo assim, o uso de elocuições conferiria um posicionamento ligado a uma opinião individual, uma vez que seu formato é voltado para a voz íntima do sujeito, o que descaracterizaria o formato de “fato” no que está sendo dito.

Voltando-nos ao delocutivo, nos deparamos com o afastamento dos sujeitos, o que concederia às informações selecionadas a aceitação desejada. Devido a isso, podemos considerar o uso de tais modalidades como uma forma de inserir no texto estratégias discursivas para sua construção para fazer surtir o efeito desejado. No que se refere a tais estratégias, destacamos as de legitimação e credibilidade.

3.3 ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS E EFEITOS POTENCIALIZADORES NO DISCURSO

Pensando que a legitimidade é uma estratégia que visa evidenciar o direito do locutor em tomar a palavra, inferimos que através da identificação do dizer a legitimação do que é dito se constrói. Um exemplo de como tal estratégia é utilizada no site é o lema utilizado junto a seu nome: “Fatos & Boatos: o que falam por aí, o governo esclarece aqui”¹⁹. Apenas nessa parte da composição do site é que temos acesso a uma identificação do locutor. Tal identificação seria favorável para legitimar o que é dito, afinal, quem melhor para confirmar ou esclarecer informações do que a própria pessoa que sofre as ações? Dessa forma, se o objetivo é esclarecer boatos acerca dos acontecimentos referentes ao Governo, o uso de uma voz governamental — ou ao menos de uma primeira identificação ligada ao Governo — daria a legitimidade para definir o que é verdadeiro ou falso sobre os assuntos tratados.

A credibilidade, por sua vez, é uma estratégia que coloca à prova todas as informações ditas pelo locutor, de maneira a fornecer um meio de autenticação superior a si. Dessa forma, usa-se a voz de um terceiro para validar as asserções feitas, provando ao interlocutor a veracidade das informações. Para isso, nas construções analisadas, outra faceta das modalidades delocutivas (CHARAUDEAU, 2019) nos é apresentada: o discurso relatado. Através dele, se insere discursos alheios ao discurso criado a fim de utilizar algo já dito (seja em documentos, leis, entrevistas) na construção do que será dito (isto é, nas notícias do site). Os modos de relatar o discurso do outro encontrados no *corpus* se resumem em três possibilidades: evocado, citado ou integrado.

O discurso evocado é percebido pelo uso, marcado por aspas, de expressões como “chip da besta” e “ditadura comunista”. Isso significa que nele se utiliza expressões ditas por outras pessoas, e não criadas pelo produtor do discurso; dessa forma, temos acesso ao discurso alheio, aquele produzido pelos indivíduos criadores do boato.

O discurso citado aparece através da citação de falas completas de outro indivíduo, como em “é vedada a edição de medidas provisórias sobre matéria que vise detenção ou sequestro de bens, de poupança popular ou qualquer outro ativo

¹⁹ Excerto retirado da página inicial do site *Fatos & Boatos*. 2015a.

financeiro’, diz a Emenda Constitucional de 32/2001, artigo 62, parágrafo 1º, inciso II”²⁰. Durante sua utilização, percebemos a atenção que se dá à expressão exata das palavras utilizadas no discurso de origem e das fontes das quais foram retiradas as citações. O uso do discurso citado confere asserções maiores e mais complexas, trazendo mais detalhes sobre os acontecimentos. Assim, percebemos que o discurso citado foi utilizado apenas como forma de confirmar um posicionamento que o locutor pretendia expor em seu próprio discurso, através de um reforço positivo.

Por fim, temos o discurso integrado, como em “isso fez surgir um forte boato na internet dizendo que só seria possível se aposentar aos 95 anos de idade”²¹. Nesse tipo de discurso, temos a ação do locutor sobre o discurso que traz de fora a construção do texto. Dessa forma, o que é dito não é exatamente a versão expressa pela fonte original, mas de certa maneira é influenciada pela interpretação do locutor. O discurso integrado, então, inclui o discurso do locutor ao discurso de um terceiro. Tal uso foi percebido apenas quando há referência ao conteúdo dos boatos, em uma tentativa de resumir seu assunto sem que estivesse, diretamente, trazendo-o para o texto de verificação. Com base no uso de todas as possibilidades das modalidades delocutivas, podemos perceber como o modo enunciativo age a favor de uma construção velada favorável à polêmica.

3.4 A GESTÃO PELO CONFLITO: USO DA POLÊMICA NAS CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS

De acordo com Amossy (2017, p. 53), a polêmica pode ser caracterizada como uma modalidade do discurso que se constrói a partir da gestão do conflito, isto é, se fundamenta à medida que interações públicas se assumem em um conjunto de manifestações antagônicas que visam intervir uma à outra. É possível perceber, portanto, que essa modalidade se inscreve não apenas de forma autônoma, mas também perpassando o discurso do outro, criando, o que se chama de discurso polêmico. As estratégias discursivas inscritas na modalidade polêmica são, dessa forma, ao mesmo tempo singulares e coletivas. Portanto, ainda que desenvolvam

²⁰ Idem.

²¹ Idem.

suas próprias regras e formas de utilização, são gerenciadas em um número amplo de discursos do mesmo grupo, além de sempre aparecerem em consonância com relação ao discurso de seu antagonista.

No *corpus*, é possível notar que há um debate entre um Proponente — a equipe do Governo federal — e um Oponente — os produtores de boatos. Assim, ainda que o termo “polêmica” não seja utilizado em nenhum momento, entende-se que ele está inserido dentro do que se considera um boato. Dessa forma, o Proponente admite a existência de uma problemática dentro de um discurso que não é seu, mas que pertence a seu Oponente.

É válido lembrar que o site se posiciona de maneira a fazer pensar que seu objetivo é apenas a verificação e o combate à desinformação. Tal posicionamento pode dar a ideia de que seria representado como um Oponente, ou seja, aquele que vai combater uma asserção feita. Porém, o que se dá, é que o site constrói seu discurso de maneira a ser um Proponente, isto é, aquele que propõe uma asserção, que inicia o debate. Isso ocorre devido à caracterização do discurso presente nas notícias, não como última instância da polêmica, mas como primeira. Ou seja, ele não só traz os fatos verdadeiros e a comprovação das informações, mas também inicia um embate com seu adversário.

Além disso, o confronto entre Proponente e Oponente está no centro das notícias, o que é possível de se ilustrar a partir dos fundamentos de construção da oposição de teses (Amossy, 2017, p. 76), como podemos ver abaixo:

Tabela 3 - Os papéis dos participantes da polêmica.

Papéis dos sujeitos no discurso polêmico		Âmbito dos fatos	Âmbito da evolução dos fatos	Âmbito das conclusões
Boato sobre aposentadoria aos 95 anos	Proponente	O tempo de aposentadoria é determinado por pontos.	A medida facilita a vida dos brasileiros.	O uso do novo sistema é vantajoso e deve ser seguido.

	Oponente	As pessoas se aposentarão apenas com 95 anos de idade.	A aposentadoria não irá mais acontecer.	O novo sistema é um problema que deve ser eliminado.
Boato do "chip da besta"	Proponente	Um aplicativo terá dados essenciais unidos em um só lugar.	O uso do Registro Civil Nacional é opcional e ainda está sendo discutido no Congresso.	É uma medida criada para facilitar o acesso aos documentos.
	Oponente	Um chip será implantado na pele das pessoas.	A ferramenta é de uso obrigatório.	É preciso se defender de tal imposição.

Dessa forma, nota-se um confronto que é marcado pelo relato do discurso do Outro através do discurso do próprio Proponente. De maneira a construir um discurso que recusa o discurso do Oponente, o *corpus* apresenta uma contraposição de opiniões profunda, porém, entramos no seguinte questionamento proposto por Amossy (2017, p. 76): “Podemos, então, nos perguntar se se trata de um texto relatando uma polêmica que se desenvolve em outro lugar, ou se o texto a lança, ou mesmo se ele próprio participa dela”? Pensando nesse fundamento, dizemos que, ao criar alusões aos boatos, construções tratadas como polêmicas, o *corpus*, que inicialmente se diz como um mero verificador de informações, se integra ao discurso polêmico, ora por gerenciar a polemização do discurso alheio para construir sua lógica e findá-lo, ora por utilizar de modalidades polêmicas semelhantes às do Oponente para formar sua estrutura.

Tendo como base um modo particular do gerenciamento de conflitos, a polêmica apresenta traços específicos: a dicotomização, a polarização e a desqualificação do outro. A partir da consideração de que a polêmica se rege com base em um centro conflitual e de que “nem toda situação conflitual ocasiona uma intervenção polêmica [...], mas, com certeza, toda fala polêmica é oriunda do conflitual” (Amossy, 2017, p. 53), é possível enxergar, em diversas manifestações do *corpus*, movimentos típicos dos traços da polêmica.

Podemos dizer que a dicotomização é marcada a partir da divisão de opções que se autoexcluem. Sendo assim, a divisão entre os tipos de notícias apresenta uma dicotomização possível. Ou seja, as notícias da época são divididas entre notícias verdadeiras (as notícias do site) e notícias falsas (boatos). Devido a isso, nenhuma possibilidade de convivência simultânea é visada, uma vez que a existência de aceitação para uma significa a exclusão dessa característica para a outra. Assim, as opções não se inserem em uma possibilidade de solução entre seus participantes, promovendo um debate radicalizado, difícil — e até mesmo impossível — de se resolver. A dicotomização está presente no *corpus* através da marcação dos boatos como “mentiras” e das notícias de verificação como “verdades”. Esse paralelo aparece mais explicitamente na página inicial do site, que diz “Confira aqui todos os boatos e compartilhe a verdade”²², sugerindo que os boatos devem ser conferidos para que a verdade seja compartilhada, isto é, o site traz o verdadeiro. Outro exemplo dessa divisão aparece no excerto “Não compartilhe mentiras! Na internet as coisas fogem do controle. Antes de passar para frente qualquer boato do governo, passe por aqui e verifique”²³. Nele percebemos novamente que os boatos são postos como mentiras ao passo que as verdades — responsáveis por impedir que o compartilhamento de falsas informações aconteça — estão presentes nas notícias do site.

A polarização, por sua vez, é responsável por atenuar a posição de papéis opostos em que, dentro de campos adversos, os participantes ocupam. Nesse passo, ocorre a partir da fusão de grupos com valores relativamente similares, marcando posições a serem ocupadas. Dessa forma, à medida em que no *corpus* temos a marcação dos “outros”, ou seja, um grupo contrário ao qual se encontra o locutor, a polarização acontece. Exemplos disso são os trechos “só quem espalha mitos, boatos e mensagens falsas pode acreditar na existência de [...]”²⁴ e “muita gente nas redes sociais acredita e espalha essa mentira”²⁵. Neles é percebida a marcação do lugar do outro em um polo oposto ao definido na construção textual. Logo, as pessoas que não compartilham do mesmo posicionamento do locutor são contrárias à verdade.

²² Excerto retirado da página inicial do site *Fatos & Boatos*. 2015a.

²³ *Idem*.

²⁴ Portal Brasil. *Fatos & Boatos. Boato de que existe uma "caixa-preta" no BNDES*. 2015h.

²⁵ Portal Brasil. *Fatos & Boatos. Boato da criação de um exército de 20 mil haitianos*. 2015i.

Por último, a desqualificação do outro, que é construída a partir da identificação dos participantes do mundo e das divisões de posição, criando uma “estratégia de subversão” (Amossy 2017, p. 58). À vista disso, ao se posicionar dentro do movimento de polarização formado, o Proponente tenta desacreditar o Oponente, colocando o outro de frente ao ponto de vista ao qual defende, descaracterizando-o. O ponto de vista, então, é atacado, conseqüentemente atacando também o próprio adversário, que se torna um alvo. É válido destacar que, no *corpus*, a desqualificação não funciona se referindo a um sujeito específico, mas é atribuída a um “objeto” inanimado: o boato. Assim, as características que seriam direcionadas aos participantes, são transferidas à materialidade discursiva. O funcionamento desse fundamento pode ser percebido a partir do uso de algumas nomeações, como: “mensagens na internet que tentam desacreditar”, “história inventada”, “puro invencionismo”, “mensagens na internet, de cunho conspiratório”, “teorias conspiratórias”, “mensagens absurdas e falsas que tentam criar um novo fantasma”. Essas, por transferência, se relacionam aos sujeitos aos quais se ligam, podendo ser transformadas em adjetivos pejorativos, como: descredibilizador, inventor, conspirador etc. Além disso, a desqualificação pode ser mostrada através do uso dos próprios adjetivos, como “absurdo”, “falso”, “mentiroso”, “sem qualquer fundo de verdade”, “distorcida” ligados a adjuntos adnominais como “totalmente” e “simplesmente”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um contexto decisivo para a política brasileira, com o impeachment da presidenta Dilma Rousseff à espreita, a produção de boatos se intensificou e a necessidade de se saber os fatos também. Junto a isso, se justificou a importância da criação de ferramentas verificadoras de informações, isto é, de canais preocupados em reproduzir, da maneira mais fiel possível, as informações ao público. Dessa forma, ainda que sob um pretexto de responsabilidade diante da divulgação de informações, não é possível que haja a desvinculação total entre enunciação e posicionamento. Tal dificuldade se expande quando se insere em um contexto crítico como aquele em que surge o site governamental.

Assim sendo, o site *Fatos & Boatos* não está livre do comportamento característico da mídia em propor pontos de vista ao enunciar. Logo, se insere em um lado oposto à enunciação alheia — a qual é representada pela produção e reprodução dos boatos —, fortalecendo o embate entre lados opostos. Mesmo que se posicione como aquele que detém os fatos, observa-se que a forma de construção das notícias feitas pelo site abarca certa margem para se relacionarem com a polêmica, ou seja, trazem elementos polemizadores em suas construções. Isso se dá devido à projeção do discurso adversário — os boatos — com maior intensidade durante a enunciação de seu próprio discurso e devido à tentativa de transformar pontos de vista em verdades absolutas a partir do apagamento do enunciador. Tal ação se traduz em uma tentativa de findar uma disputa, ou ao menos ganhar força ao aumentar o número de adesões favoráveis a seu favor.

Sob esse ponto de vista, percebe-se que o site *Fatos & Boatos* partilha de características semelhantes àquelas dos boatos que almeja desmentir. Além disso, como em todo embate polêmico, as construções mostram a tentativa de defesa em detrimento do adversário, ou seja, não é suficiente apenas verificar os acontecimentos e informar o público, mas também se quer encerrar a possibilidade de crença em quaisquer informações vindas do outro.

Portanto, as notícias fazem girar as engrenagens da máquina que as faz existir, a polêmica. Desse modo, elas existem devido às polêmicas causadas pelos boatos e se subscrevem em um movimento também polemizador. É dessa maneira que se tornam parte do *continuum* da polêmica, criando cada vez mais aquilo que evitam: desencontro de informações, dúvidas, boatos. Isso ocorre uma vez que, ao se fundirem ao escopo da polêmica, ganham capacidade de imersão na construção de boatos e se tornam parte dele. Em uma visão atual, quase nove anos após a proposta dos “fatos” do site, ele funciona, também, como precursor de boatos²⁶ tal qual o discurso de seu antigo antagonista.

²⁶ Tal afirmação foi feita com base em uma checagem atual das informações trazidas pelo site. Para exemplificar, nos atentamos à obra no Rio São Francisco que, em publicação feita pela Secretaria de Comunicação Social, em 08 de março de 2024, tem porcentagem finalizada menor que a informada em 2015.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. *Apologia da polêmica*. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

AULETE, C. *Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa*: Dicionário Caldas Aulete, online. Lexikon Editora digital. Disponível em: <https://aulete.com.br>. Acesso em: 14 ago. 2024.

BUNGE, M. *Dicionário de Filosofia*. Tradução: Gita K. Guinsburg. São Paulo: Perspectivas, 2002. (Coleção Big Bang).

BRASIL. Casa Civil. Dilma Rousseff é reeleita presidenta do Brasil. Disponível em: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2014/outubro/dilma-rousseff-e-reeleita-presidenta-do-brasil>. Acesso em: 04 de jun. 2024.

BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. Câmara autoriza instauração de processo de impeachment de Dilma com 367 votos a favor e 137 contra. Agência Câmara de Notícias, Brasília, 17 de abr. 2016. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/485947-camara-autoriza-instauracao-de-processo-de-impeachment-de-dilma-com-367-votos-a-favor-e-137->. Acesso em: 04 de jun. de 2024.

CHARAUDEAU, P. *A manipulação da verdade: do triunfo da negação às sombras da pós-verdade*. Tradução: Dóris de Arruda C. da Cunha, André Luís de Araújo. São Paulo: Contexto, 2022.

CHARAUDEAU, P. *Discurso das Mídias*. Tradução: Ana M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, P. *Discurso Político*. Tradução: Fabiana Komesu e Dílson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, P. Les médias, un manipulateur manipule. In: CHARAUDEAU, P. *La manipulation à la française*. Paris: Ed. Economica, 2003. Disponível em: <https://www.patrick-charaudeau.com/Les-medias-un-manipulateur.html>. Acesso em: 25 ago. 2024.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2019.

CHARAUDEAU, P. *Um modelo sócio-comunicacional do discurso: entre situação de comunicação e estratégias de individualização*. In: Grenissa Stafuzza e Luciane de Paula (org.) *Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil*. Uberlândia: Edefu, 2010. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Um-modelo-socio-comunicacional-do.html>. Acesso em: 14 ago. 2024.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

FERREIRA, A. *Novo Aurélio século XXI: dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FERNANDES, F. *Dicionário Brasileiro Globo*. 49. ed. São Paulo: Globo, 1998.

INTERNET ARCHIVE. Wayback Machine, 2001. Disponível em: <https://web.archive.org/>. Acesso em: 15 de jan. de 2024.

LAROUSSE CULTURAL. *Grande Enciclopédia Larousse Cultural*. São Paulo: Nova Cultural, 1998.

Mapa das manifestações no Brasil, domingo, 13/12. *G1*, 13 de dez. 2015. Política. Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/politica/mapa-manifestacoes-no-brasil/13-12-2015/>. Acesso em: 15 de jan. 2024.

HOUAISS, A; VILLAR, M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IASBECK, L. *Os boatos — além e aquém da notícia: Versões não-autorizadas da realidade*. Lumina, Facom/UFJF v.3, n.2, p.11-26, jul./dez. 2000. Disponível em: www.facom.ufjf.br. Acesso em: 14 jun. 2024.

KAPFERER, J. N. *Boatos: a mais antiga mídia do mundo*. Tradução: Ivone S. R. Maya. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

KOCH, I. *A inter-ação pela linguagem*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução: Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PORTAL BRASIL. Fatos & Boatos. Brasília, 17 de dez. 2015a. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160513014342/http://www.brasil.gov.br/fatos-e-boatos>. Acesso em: 15 de jan. 2024.

PORTAL BRASIL. Fatos & Boatos. *Boato de que o governo vai confiscar a poupança*. 17 de dez. 2015b. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160513095517/http://www.brasil.gov.br/fatos-e-boatos/materias/boato-o-confisco-da-poupanca>. Acesso em: 11 ago. 2024.

PORTAL BRASIL. Fatos & Boatos. *Boato sobre aposentadoria aos 95 anos*. 17 de dez. 2015c. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160516204659/http://www.brasil.gov.br/fatos-e-boatos/materias/boato-sobre-aposentadorias>. Acesso em: 11 ago. 2024.

PORTAL BRASIL. Fatos & Boatos. *Boato sobre major que se recusou a receber medalha*. 17 de dez. 2015d. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160513072412/http://www.brasil.gov.br/fatos-e-boatos/materias/boato-sobre-major-que-se-recusou-a-receber-medalha>. Acesso em: 11 ago. 2024.

PORTAL BRASIL. Fatos & Boatos. *Boato sobre o fim do bolsa família*. 17 de dez. 2015e. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160517021300/http://www.brasil.gov.br/fatos-e-boatos/materias/boato-sobre-o-fim-do-bolsa-familia>. Acesso em: 11 ago. 2024.

PORTAL BRASIL. Fatos & Boatos. *Boato do "chip da besta"*. 17 de dez. 2015f. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160514121137/http://www.brasil.gov.br/fatos-e-boatos/materias/boato-do-chip-da-besta>. Acesso em: 11 ago. 2024.

PORTAL BRASIL. Fatos & Boatos. *Boato: Dilma criou sigilo para investigação de acidente aéreo*. 17 de dez. 2015g. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160513174525/http://www.brasil.gov.br/fatos-e-boatos/materias/boato-de-que-dilma-criou-sigilo-para-investigacao-de-acidentes-aereos>. Acesso em: 11 ago. 2024.

PORTAL BRASIL. Fatos & Boatos. *Boato de que existe uma "caixa-preta" no BNDES*. 17 de dez. 2015h. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160513124541/http://www.brasil.gov.br/fatos-e-boatos/materias/mito-caixa-preta-do-bndes>. Acesso em: 14 ago. 2024.

PORTAL BRASIL. Fatos & Boatos. *Boato da criação de um exército de 20 mil haitianos*. 17 de dez. 2015i. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160514012549/http://www.brasil.gov.br/fatos-e-boatos/materias/boato-de-exercito-de-20-mil-haitianos>. Acesso em: 14 ago. 2024.